



O Eterno

“No princípio...” Essas palavras abrem Gênesis e nos remetem ao início de tudo, como explicam Ferreira e Myatt: “A forma hebraica do termo hebraico utilizado aqui (berit), indica que é um princípio em sentido absoluto, e não um ‘quando’. A diferença é que a leitura não deve ser ‘Quando Deus criou’, mas sim ‘No início de todas as coisas Deus criou’”.¹

Esse olhar para o início de tudo provoca as perguntas mais profundas em nós: de onde veio tudo isso? Como tudo começou? O universo existe desde sempre? E antes, o que havia antes? A resposta das Escrituras está na próxima palavra que o narrador registra: “No princípio *Deus...*”.

A narrativa da criação nos apresenta o Criador, revelando alguns elementos essenciais sobre quem Ele é e como Ele age. A primeira coisa que aprendemos sobre o Criador é que Ele é Eterno.² Ele é o Eterno. Isso significa afirmar que o Criador é incriado e que seu ser não possui início ou fim no que diz respeito ao tempo. Logo ao utilizar os termos “eternidade” e “eterno” estamos utilizando palavras para apontar e simbolizar uma realidade que é impossível de ser compreendida ou delimitada. Neste sentido ao chamá-lo “Eterno” estamos usando palavras para pintar uma visão que não podemos compreender com exatidão, apenas admirar, contemplar. Não é uma definição, pois não esgota nem delimita, mas sugere e aponta para a realidade de um Criador que cuja existência simplesmente escapole a nossa compreensão. A eternidade do Criador nos mergulha na reflexão do mistério de seu Ser.

Outro aspecto da eternidade do Criador é o fato de que Ele não está amarrado na travessa do tempo ou do espaço como as suas criaturas estão. Charles Hodge afirma que “a infinitude de Deus em relação ao espaço é sua imensidade e onipresença. Em relação ao tempo é sua eternidade. Assim como Ele está livre das limitações do espaço, da mesma maneira está exaltado acima de todas as limitações do tempo [...] Para Ele não há distinção entre o presente, o passado e o futuro; todas as coisas estão igualmente sempre presentes para ele. Para Ele o tempo é um eterno agora”.³

Imenso, Poderoso e Santo

A segunda coisa que aprendemos sobre o Eterno é a respeito seus atributos infinitos e perfeitos: sua imensidão, seu poder e sua perfeição moral. Os atos criadores do Eterno manifestam um Ser assombrosamente imenso, poderoso e bondoso. O Eterno é infinitamente vasto em seu ser, o que significa dizer que “Deus é infinito. Isto significa não apenas que Deus é ilimitado, mas que também não pode ser limitado. Neste aspecto, Deus é diferente de tudo que experimentamos”.⁴ Novamente a infinitude de Deus com relação ao espaço (onipresença), ao tempo (eternidade), ao conhecimento (onisciência) e ao poder (onipotência) é algo que podemos recitar racionalmente, mas não compreender totalmente.

A criação também mostra claramente que o Eterno é poderoso. Ainda sim é necessário destacar que o poder de Deus está em pleno acordo com seu caráter e sua vontade: “Deus se apresenta nas Escrituras como o Deus Todo-Poderoso (onipotente), com capacidade para fazer todas as coisas conforme sua vontade [...] ou seja, Deus exerce seu poder em harmonia com todas as perfeições de seu Ser”.⁵

Alem de sua imensidão e poder, a criação também revela a natureza bondosa do Eterno em todos os seus atos para com o homem, desde sua criação, até o jardim do Éden, a criação da mulher e a decisão do Eterno de iniciar uma história de redenção após a queda. É imprescindível refletirmos na perfeição do caráter de Deus, pois o Eterno não é apenas alguém poderoso mas bondoso, dotado de um ser perfeitamente santo, íntegro e justo.⁶ Dessa forma, o Eterno é dotado de qualidades que Grudem classifica como atributos morais:

¹ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.269

² Êxodo 3.14

³ HODGE, Charles. *Teologia Sistemática – Volumen I*. Barcelona: Editorial CLIE, 1991, p.285

⁴ ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.272

⁵ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *Eu Creio no Pai, no Filho e no Espírito Santo*. São Paulo: Edições Parakletos, 2002, p.146,147

⁶ ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p..284

bondade, amor, santidade, justiça, zelo e ira.⁷

Esses atributos de Deus são frequentemente divididos pelos teólogos, especialmente os reformados, em atributos comunicáveis (aqueles que o Eterno comunicou ao homem em sua criação) e incommunicáveis (aqueles atributos exclusivos do Eterno, que não foram comunicados ao homem em sua criação).⁸

Pessoal, comunitário e relacional

Em terceiro lugar, aprendemos sobre o Eterno é que Ele é um ser pessoal, comunitário e relacional.

O Eterno revela a si mesmo como um ser pessoal por meio de seus atos de criação e em seu relacionamento com nossos primeiros pais. Como observou muito bem o escritor Alister McGrath, podemos ver a criação como um ato cheio de beleza de um Criador pessoal.⁹ Toda a beleza, a ordem e a funcionalidade da criação nos mostram que há um Criador que é alguém e não algo. Ele é uma pessoa!

Nos atos da criação vemos o Eterno criando os céus e a terra pelo poder de sua Palavra, pelo poder do Verbo, enquanto o Espírito de Deus paira suavemente sobre as águas “como uma ave-mãe sobre os seus filhotes, indicando tanto a transcendência de Deus sobre a sua criação como também o seu envolvimento íntimo para com ela, cuidando dela”.¹⁰ O Criador. A Palavra. O Espírito de Deus. Ao lermos o prólogo do Evangelho de João descobrimos que nada do que foi criado foi criado sem a ação de Jesus, o Verbo Eterno. Essa presença trinitária na criação nos revela um Deus um Deus “relacional e comunitário”, utilizando as palavras de Jürgen Moltmann.¹¹ O mistério da Trindade evoca um Deus comunitário em si mesmo.

Enfim, o Eterno é um Deus relacional. Deus cria o homem para se relacionar com Ele. Dessa forma, “a criação não é nem uma necessidade nem um acidente. Em vez disso, considerando a vida interior de Deus, que abundantemente se derrama em favor de outros, podemos dizer que a criação é um ato adequado para Deus”.¹² O Senhor cria não por necessidade, mas por que seu amor o leva a criar: “Ele cria por que dar de si mesmo é como Ele é; o seu amor ‘transborda’ em trazer a existência um mundo que pode participar da plenitude da comunhão divina”.¹³

Corrigindo as perspectivas

Erickson destaca que muitas vezes temos uma visão equivocada de quem Deus é. Seja pensando em Deus como um policial celestial ou como um cara gente boa apenas, o ser humano molda seu relacionamento com Deus por meio de sua compreensão de quem Ele é.¹⁴

Logo, precisamos ter nossas perspectivas corrigidas pelas Escrituras. Algumas tensões se apresentam na nossa reflexão sobre quem Deus é, pois nossa reflexão deve estar ciente do perigo dos extremos e de que é necessário caminhar em uma corda bamba mantendo perspectivas distintas em tensão.

A primeira é a tensão entre a infinitude de Deus e a sua pessoalidade. A segunda é sua transcendência (um Deus que está além) e imanência (um Deus que está aqui). A terceira é entre a eternidade de Deus e nosso relacionamento temporal com Ele. Por fim, o balanço importante entre o amor e a justiça de Deus. Sem este balanço Deus se torna um carrasco ou um Papai Noel. Carson pontua muito bem esse balanço entre o amor e a ira de Deus: “Deus, em sua perfeição, precisa se irar contra suas criaturas rebeldes, pois elas o ofenderam; Deus, em sua perfeição, precisa amar suas criaturas rebeldes, pois ele é este tipo de Deus”.¹⁵ O mesmo Deus que ama se ira, pois não está indiferente a nós.

Tarefa

- Leitura para próxima semana: Gênesis 1

⁷ GRUDEM, Wayne. *Manual de Teologia Sistemática: uma introdução aos ensinamentos fundamentais da fé cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2001, p.89

⁸ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: LPC, 1990, p.58

⁹ MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p.350

¹⁰ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.80

¹¹ MOLTMMAN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: Uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.34

¹² PLANTINGA, Cornelius Junior. *O Crente no Mundo de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p.38

¹³ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.81

¹⁴ ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.264

¹⁵ CARSON, D. A.: *The difficult doctrine of the love of God*. Wheaton, IL : Crossway Books, 2000